

TRAJETÓRIA E MEMÓRIA DE HENRIQUE LUIZ ROESSLER, UM PROTETOR DA NATUREZA NO RIO GRANDE DO SUL

Elenita Malta Pereira¹

Resumo:

Minha dissertação “Um protetor da natureza: trajetória e memória de Henrique Luiz Roessler”, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, em junho de 2011, é uma biografia histórica de Henrique Luiz Roessler (1896-1963), sob enfoque teórico da história ambiental. A dissertação se estruturou em dois eixos: trajetória e memória. No eixo da trajetória, tenho como objetivo, a partir da análise de sua produção oral e escrita, acessar, além dos meandros de seu projeto pessoal, uma dimensão mais ampla, as ideias e práticas da proteção à natureza no Rio Grande do Sul, nos anos 1930-60. Examinando elementos da vida pessoal de Roessler e das duas principais fases em que se divide sua atuação em prol da natureza para compreender como seu projeto se desenvolveu no campo de possibilidades a que pertenceu. Analiso a fiscalização florestal e da caça e pesca no Estado, comandada por ele como Delegado Florestal Regional, e os conflitos originados dessa fiscalização. Analiso a criação (1955) e o funcionamento da União Protetora da Natureza (UPN), primeira entidade do gênero no Estado. Analiso também as ideias presentes em seus textos (crônicas jornalísticas), palestras e nos cartazes educativos distribuídos pela UPN, com destaque para sua concepção de natureza, articulada a partir de um discurso nacionalista, educativo e sacralizante. Por fim, enfoco a construção das memórias sobre Roessler: ele mesmo já operava uma construção de si como “pioneiro do Serviço Florestal”, que é transformada por diversos agentes, após sua morte, em “pioneiro da ecologia” no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Henrique Luiz Roessler; proteção à natureza; biografia; construção de si; enquadramento de memória.

Introdução:

Henrique Luiz Roessler (1896-1963) contribuiu muito para a proteção à natureza no Rio Grande do Sul. Em São Leopoldo, foi Capataz do Rio dos Sinos, do Ministério da Marinha, de 1937 até o fim da vida. De 1939 a 1954 exerceu os cargos não-remunerados de Delegado Florestal Regional (do Serviço Florestal) e de Fiscal de Caça e Pesca, ambos subordinados ao Ministério da Agricultura, através dos quais possuía autoridade para fiscalizar o reflorestamento, a caça e a pesca, bem como para assinar editais do serviço público. Em 1 de janeiro de 1955, em São Leopoldo, fundou a primeira entidade de proteção ambiental no Rio Grande do Sul, a União Protetora da Natureza - UPN. Em 15 de fevereiro de 1957, passou a escrever crônicas para o Suplemento Rural do jornal *Correio do Povo*, espaço que ocupou frequentemente, às sextas-feiras. Até uma semana antes de falecer, no ano de 1963, ele escreveu sobre reflorestamento, criticou caçadores e pescadores irresponsáveis, bem como denunciou maus-tratos a animais, a poluição dos rios e avaliou as consequências do tão propagado “progresso”.

A problemática de pesquisa foi pensada em dois eixos. Em primeiro lugar, procuro examinar através da *trajetória* (BOURDIEU, 2005, p. 189) e da produção escrita, como foi possível a Henrique Roessler articular um *projeto* (VELHO, 1998, p. 40) de proteção à natureza num contexto em que o movimento ecológico ainda não havia se constituído como um efetivo sujeito político na arena pública? Que motivações o levaram a empreender este projeto? Que ações ele empreendeu neste sentido? Existiam elementos na estrutura burocrática do Estado na época que incentivavam a prática que hoje denominamos ecológica, através do cargo de Delegado Florestal? De que maneira este projeto se transformou em função das mudanças na sua trajetória ou das determinações do contexto social?

Outro eixo que proponho é a questão da *memória*. Principalmente através de suas crônicas, Roessler se tornou uma referência para os fundadores da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, a AGAPAN, em 1971, sendo escolhido como patrono da entidade. Posteriormente à sua morte, houve muitas homenagens, como nome de praças em São Leopoldo e Porto Alegre, e no nome da FEPAM, que se chama Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler. Além disso, Roessler deixou um arquivo privado, onde constam escritos que relatam fatos de seu cotidiano como Delegado Florestal, tais como “batidas”, agressões, ameaças, o acidente em que perdeu o pé, o processo judicial, etc. Portanto, diante disso, emergem os questionamentos: Qual a *memória* que Roessler queria construir de si, para passar ao futuro? Que tipo de *enquadramento de memória* (POLLAK, 1989, p. 9) foi realizado em sua memória e por que agentes (BOURDIEU, 2007)? Quais memórias de Roessler persistiram após sua morte? Quais foram os suportes utilizados para veicular essas memórias? E

¹ Mestre e Doutoranda em História (UFRGS).

quais esquecimentos podem ser verificados? Quais as justificativas para a criação de tantos “lugares de memória” para Roessler? Há disputas em torno de suas memórias, dissonâncias?

O exame da trajetória e da produção de Roessler pode contribuir nos estudos da relação homem-natureza, que são objeto da *história ambiental*, campo historiográfico que surgiu nos Estados Unidos na década de 1970, em meio ao interesse despertado pelo movimento ambientalista e as conferências internacionais realizadas pela ONU. Os historiadores norte-americanos concentram boa parte dos trabalhos na área, porém a França, através de historiadores ligados à revista *Annales*, também é um centro de estudos sobre o tema (PÁDUA, 2010). Como Franco e Drummond (2009) que, preocupados com a historicidade, evitaram o uso dos termos “ambientalismo”, “ecologia política” e “desenvolvimento sustentável”, creio que a noção que melhor define a atuação de sujeitos contra a destruição ambiental na primeira metade do século XX seja “proteção à natureza”.

Meu objetivo com esta pesquisa é, através de Roessler, conhecer o cenário de discursos e ações em prol da natureza no início do século XX, em especial os anos 1930 a 1960. Além disso, nos domínios da memória, compreender como a noção de “pioneiro da ecologia” se construiu e modificou ao longo do tempo.

Metodologia:

As metodologias utilizadas foram classificação, leitura, análise e interpretação das fontes escritas (oficiais, pessoais, panfletos, crônicas, correspondências, etc.), e história oral. As fontes escritas estão guardadas em Arquivos Públicos e no arquivo privado de Roessler. É preciso estar atento para o que Ângela de Castro Gomes chama de “feitiço dos arquivos privados”. No arquivo privado, o personagem se revelaria de “forma verdadeira”, “o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros” (GOMES, 1998, p. 125), daí o termo “feitiço”. Porém, não podemos esquecer que os documentos do arquivo foram elaborados, consciente ou inconscientemente, para deixar um registro à posteridade. E nesta lógica, o que ocorre é a *construção de si mesmo* (GOMES, 2004) como uma personagem para o futuro; através dos documentos pessoais, o indivíduo acaba “construindo sua imagem para si e para os outros, em muitos tempos e na história” (GOMES, 1998, p. 126). Esse caráter de “verdade”, “espontaneidade” e “autenticidade” deve ser problematizado, através do tratamento rigoroso das fontes.

A pesquisa se utiliza também de fontes orais, coletando depoimentos de pessoas ligadas a Roessler (parentes, conhecidos) e ao movimento ambientalista em Porto Alegre, São Leopoldo e Novo Hamburgo (militantes atuais e remanescentes da época). Foram gravadas dez entrevistas, cada uma com duração, em média, de uma hora, em diversas datas, no decorrer do trabalho. O formato utilizado foi da entrevista semidirigida; tinha preparado questões amplas, a partir de estudo prévio, com a intenção de, no decorrer do encontro, permitir que o entrevistado aprofundasse os temas, ou que sugerisse pontos de vista diferentes, desviantes o que deve ser objeto de atenção especial do historiador (ALBERTI, 2008, p. 185). Ao longo da dissertação, são transcritos alguns trechos, respeitando ao máximo as falas originais, mas com algumas edições, necessárias para que possam ser lidas. Também cito como informação “conversas” informais, não gravadas.

Resultados e Discussão:

A partir da análise de uma amostragem de textos correntes no Rio Grande do Sul e no Brasil, bem como de autores citados em suas crônicas jornalísticas, foi possível constatar que Roessler estava muito bem sintonizado com o que se produzia sobre o tema da proteção à natureza. Seu discurso se alicerçava no nacionalismo, na educação e na religião. Articulando esses três elementos, formulou sua concepção de natureza: uma criação divina, uma dádiva de Deus aos humanos, e, ao mesmo tempo, o patrimônio maior da nação, por isso o incentivo à sua proteção, através de campanhas educativas, era fundamental.

A rede de relações tecida por Roessler foi de fundamental importância em dois momentos difíceis: um acidente automobilístico e um processo judicial movido por caçadores descendentes de imigrantes italianos. No episódio do acidente em que perdeu o pé direito, porque, neste momento, começam a ser consolidadas as categorias de “abnegado”, “mutilado” e “pioneiro” através das correspondências trocadas; durante o processo, foram decisivos os depoimentos de apoio de colegas, superiores, caçadores, autoridades e políticos, para que Roessler fosse absolvido. Quando precisou de ajuda, utilizou as cartas para solicitar favores – finalidade comum destas – a um grupo bastante heterogêneo. Em maior número, as sociedades de caça e pesca, visando uma relação amigável com o fiscal, apoiaram-no veementemente, algumas delas chegando a designá-lo presidente de honra. Convém destacar também sua relação com a política. Muitas vezes criticada por ele, no entanto, foi a ela que recorreu nas horas amargas. Foi uma relação ambígua, e que não obedecia a filiação partidária: embora mencionasse em diversos momentos ser correligionário do PTB, pediu ajuda ao deputado do PRP, Wolfram Metzler, e confessou admiração por Jânio Quadros, da UDN. O critério pelo qual estabelecia essas relações obedecia a dois princípios: obtenção de auxílio, ou valorização de iniciativas protetoras da natureza.

No eixo da memória, também foi possível entrever uma interessante construção. Os epítetos utilizados por Roessler e reforçados por sua rede de relações (“pioneiro”, “abnegado”, “dedicado”) foram utilizados, após sua morte, pelos agentes que enquadraram sua memória. Foi o próprio Roessler quem primeiro desenhou os elementos do *quadro* como queria ser pintado frente aos outros (HALBWACHS, 1952, p. 7). Os agentes

responsáveis por continuar o processo, seus admiradores, completaram o trabalho necessário, realizando o *enquadramento das memórias* sobre ele. Dentre esses agentes, os mais importantes foram três entidades ecológicas - AGAPAN, UPAN e Movimento Roessler -, que o escolheram como patrono, num fenômeno de projeção e transferência de seu passado de lutas para legitimar o novo movimento social que surgia no Rio Grande do Sul. No contexto dos anos 1970, em que o conceito de ecologia começava a popularizar-se, Roessler é alçado a “pioneiro da ecologia” por integrantes dessas entidades.

Roessler atuou num momento em que o Estado havia absorvido para si, de modo embrionário a proteção ambiental. Mas era apenas ainda no contexto quase policial (veja o seu cargo, “Delegado”), de alguém que quer promover a segurança das florestas, evitando a depredação de algo que é público. Portanto, posso dizer que a construção do pioneiro foi obra iniciada por Roessler e sua rede de relações, como “pioneiro do Serviço Florestal”, transmutada pelos agentes que enquadraram suas memórias como “pioneiro da ecologia”. Na minha opinião, ele foi *o maior divulgador da proteção à natureza do Rio Grande do Sul*. Ao lado do Padre Balduino Rambo, foi um dos mais importantes - e incansáveis - agentes neste sentido, no contexto dos anos 1930-60, ao colaborar com a criação de reservas naturais, e com a exposição dos problemas ambientais do Estado, propondo soluções acessíveis à população, na tentativa de reverter o quadro de destruição. Utilizando todos os mecanismos disponíveis em seu campo de possibilidades (panfletos, palestras, crônicas), Roessler conseguiu chamar a atenção de muitas pessoas que, assim como ele - e por causa dele -, sensibilizaram-se com a necessidade de uma forte mudança nas condutas perante a natureza.

Conclusão:

A pesquisa verifica que o projeto de Roessler – proteger a natureza – foi possível, porque estava plenamente de acordo com seu contexto: já se refletia, escrevia e discutia sobre o tema, no Brasil e no Rio Grande do Sul. Seu projeto pessoal originou-se de um projeto maior, de âmbito nacional, iniciado nos anos 1930, através dos órgãos e leis de proteção à natureza instituídos por Vargas. Nesse período, não havia práticas burocráticas consolidadas; até 1951, era Roessler quem comandava os Delegados Florestais do Estado.

A estratégia encontrada por Roessler nos momentos difíceis foi a busca de apoio em sua rede de relações, através da correspondência. Roessler estava sintonizado com o que se produzia sobre proteção à natureza. Seu discurso se alicerçava no nacionalismo, na educação e na religião. Articulando esses três elementos, formulou sua concepção de natureza: uma criação divina, uma dádiva de Deus aos humanos e, ao mesmo tempo, o patrimônio maior da nação.

No âmbito da memória, foi o próprio Roessler que se construiu como “pioneiro” do Serviço Florestal no Rio Grande do Sul. Seus admiradores, amigos e familiares completaram o trabalho necessário, realizando o *enquadramento das memórias* sobre ele.

Agradecimentos:

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de mestrado. À minha orientadora, Regina Weber. Aos professores que compuseram a banca de defesa da dissertação: Benito Bisso Schmidt, Isabel Cristina de Moura Carvalho e Jalcione Pereira de Almeida. Aos funcionários dos arquivos pesquisados, que facilitaram o acesso às fontes analisadas no trabalho.

Referências:

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta, AMADO, Janaina. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? In: BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- FRANCO, José Luiz de Andrade, DRUMMOND, José Augusto. *Proteção à natureza e Identidade Nacional no Brasil*, anos 1920-1940. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009.
- GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n°. 21, 1998.
- GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Les Presses universitaires de France, Nouvelle édition, 1952.
- PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. São Paulo: *Estudos Avançados*, Vol. 24, n° 68, 2010.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n°. 3, 1989.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.